

Plantas Medicinais de Uso Popular na Comunidade Quilombola de Piracanjuba - Ana Laura, Piracanjuba, GO

Brenda Oliveira Guimarães ¹

Ana Paula de Oliveira ²

Isa Lucia de Moraes ³

RESUMO

As comunidades quilombolas preservam um valioso conhecimento sobre plantas medicinais. Assim, este estudo objetivou realizar o levantamento das plantas medicinais usadas pelas mulheres da Comunidade Quilombola de Piracanjuba - Ana Laura, Piracanjuba, GO. A coleta de dados consistiu em entrevistas semiestruturadas. Foram registradas 91 espécies distribuídas em 41 famílias, sendo Fabaceae e Lamiaceae as de maior riqueza em espécies. As espécies citadas foram usadas, principalmente, para tratar problemas das vias respiratórias, sendo a parte vegetal mais utilizada a folha e a principal forma de preparo o chá. A maioria das espécies é nativa e as com o maior número de informantes foram *Croton antisyphiliticus*, *Dysphania ambrosioides*, *Ricinus communis* e *Copaifera langsdorffii*. As com o valor máximo de concordância de uso foram *Stryphnodendron adstringens*, *Dysphania ambrosioides*, *Dilodendron bipinnatum*, *Croton antisyphiliticus*, *Punica granatum* e *Curcuma longa*. Nenhuma das espécies nativas citadas foi avaliada quanto ao *status* de ameaça. Logo, existe carência de estudos em prol de avaliar como estão as populações de espécies nativas medicinais no Brasil quanto à ameaça de extinção. A maioria das espécies nativas do presente estudo não é exclusiva do Cerrado, sendo compartilhada principalmente com a Mata Atlântica, Caatinga e Amazônia. O índice de diversidade alto sugere que a comunidade quilombola possui um significativo conhecimento etnobotânico ao utilizar uma grande quantidade de espécies. Entretanto, o desmatamento do Cerrado está ameaçando este conhecimento tradicional, pois o local onde as entrevistadas buscavam as plantas deste domínio fitogeográfico não existe mais.

Palavras-Chave: Conhecimento Tradicional no Cerrado; Etnobotânica; Medicina Popular.

¹ Mestrado em Ambiente e Sociedade pela Universidade Estadual de Goiás, UEG, Brasil. Professora na Faculdade de Piracanjuba, FAP, Brasil. brendaogbiologia@gmail.com

² Doutorado em Ecologia e Conservação de Recursos Naturais pela Universidade Federal de Uberlândia, UFU, Brasil. Professora na Universidade Federal de Goiás, UFG, Brasil. anadeoli@gmail.com

³ Doutorado em Ciências Ambientais pela Universidade Federal de Goiás, UFG, Brasil. Professora na Universidade Estadual de Goiás, UEG, Brasil. isamorais1@gmail.com

Brenda Oliveira Guimarães; Ana Paula de Oliveira; Isa Lucia de Morais

As sociedades quilombolas se iniciaram no período de escravidão no Brasil, sendo constituídas, em sua maioria, por escravos fugidos, descendentes destes, soldados desertores e índios acuados pelos europeus e perseguidos pela justiça (Leite 1999). O país foi local de formação de vários quilombos em decorrência da resistência dos negros ao regime escravocrata ao qual estavam submetidos (Silva et al. 2012).

Existem mais de duas mil comunidades quilombolas espalhadas pelo território brasileiro, das quais 33 estão distribuídas em 27 municípios de Goiás (Palmares 2018). A maioria dessas comunidades, consideradas como populações tradicionais, preserva a cultura que seus antepassados trouxeram da África no tocante às práticas religiosas, de cuidado da saúde física e espiritual, bem como técnicas de mineração, arquitetura e construção, além do artesanato, da culinária, de relações comunitárias de uso da terra, dentre outras formas de caráter cultural (Anjos 2000).

O conhecimento acumulado por estas comunidades através de séculos de estreito contato com o meio, possibilita concretamente a obtenção de informações acerca do uso dos recursos naturais (Pinheiro & Monteles 2007). Enfatiza-se, aqui, a importância desses saberes e da relação dessas comunidades com o meio ambiente, em especial no que tange ao uso das plantas medicinais. Os costumes dos antepassados quilombolas somados à forte influência da herança cultural africana têm uma ampla contribuição na Medicina Popular brasileira (Gomes & Bandeira 2012).

Porém, há poucos estudos etnobotânicos desenvolvidos sobre essas comunidades no país, em especial no cerrado goiano (Souza & Felfili 2006, Massarotto 2008). As pesquisas etnobotânicas são de alta relevância científica, econômica e social e contribuem para a conservação e manejo da vegetação (Toledo 2001), além de valorizar o saber tradicional (Oliveira 2015). Desse modo, é fulcral registrar o conhecimento sobre as plantas medicinais em comunidades quilombolas.

Esse estudo objetivou realizar o levantamento das plantas medicinais de uso popular pelas mulheres da Associação Quilombola de Piracanjuba - Ana Laura, Piracanjuba, GO.

MATERIAL E MÉTODOS

CARACTERIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE PIRACANJUBA

O município de Piracanjuba possui uma área aproximada de 2.380,732 km², cerca de 24.830 habitantes (IBGE 2017) e integra a Microrregião do Meia Ponte, na Mesorregião do Sul Goiano, no estado de Goiás. Está situado a 87 km da capital do Estado, na Bacia do Rio Paraná. Os principais rios do município são o Meia Ponte e o Piracanjuba. No Rio Meia Ponte está localizada a hidrelétrica do Rochedo, onde existe um belo lago, com potencial turístico. O nome do município é o de uma espécie

Brenda Oliveira Guimarães; Ana Paula de Oliveira; Isa Lucia de Morais

de peixe que já foi muito encontrada em rios da região (agora em extinção) e este seria o motivo para a escolha do nome do município (Dias 2009).

O relevo é relativamente plano e as terras piracanjubenses estão em dois planaltos: o Central no Norte e o Meridional no Sul. O município apresenta alguns morros isolados, principalmente no extremo sul, quase na divisa com Morrinhos, GO. O ponto culminante é o Morro Agudo (com 840 m acima do nível do mar), no sul do município e bem próximo da fronteira com Morrinhos.

O município está inserido no domínio fitogeográfico do Cerrado (MMA 2018), mas existem fragmentos de florestas tropicais em algumas áreas localizadas no Morro Alto, Morro Agudo, Bocaina e Vale do Meia Ponte, as quais faziam parte da Mata Atlântica. Hoje, como consequência da intensa exploração agropecuária na região, existem apenas pequenos fragmentos dessas florestas e das fitofisionomias do Cerrado. As árvores típicas do município são o pequi (*Caryocar brasiliense* Cambess.), lobeira (*Solanum lycocarpum* A.St.-Hil.), pau-terra (*Qualea grandiflora* Mart.), jequitibá (*Cariniana estrellensis* (Raddi) Kuntze), aroeira (*Myracrodruon urundeuva* Allemão) e o ipê-roxo (*Handroanthus impetiginosus* (Mart. ex DC.) Mattos) (observação pessoal).

O clima do município é considerado tropical de altitude, com regime de chuvas de aproximadamente 1.360 milímetros por ano, sendo o período de maio a setembro o da estação seca, e o chuvoso entre outubro e abril. Nos meses de maio a julho são registradas as temperaturas mais baixas do ano (Cardoso et al. 2011).

A principal atividade socioeconômica de Piracanjuba é a agropecuária e o principal produto o leite (Costa e Silva & Estevam 2013). O município é conhecido como a capital das orquídeas por possuir o Parque Natural Municipal das Orquídeas e apresenta potencial de turismo histórico e rural (Segplan 2012). Piracanjuba é o sexto município goiano em número de artesãos cadastrados, entre os quais fazem parte artesãos quilombolas.

BREVE HISTÓRICO E CARACTERIZAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO QUILOMBOLA DE PIRACANJUBA - ANA LAURA

A Associação Quilombola de Piracanjuba - Ana Laura foi criada em 09/05/2012. De acordo com os registros históricos o município de Piracanjuba era um quilombo. Isso se justifica porque quando o pioneiro do município, Guarda Mor Francisco José Pinheiro de Amorim, instalou e fundou o município o quilombo já existia no local.

A comunidade é constituída por cerca de 150 famílias, as quais vivem em residências na área urbana e rural do município. Como são descendentes de negros escravizados, isso representa um

Brenda Oliveira Guimarães; Ana Paula de Oliveira; Isa Lucia de Moraes

aspecto histórico-social relevante para o município e para o país, pois, carregam uma grande carga de costumes e da cultura desses povos, entre estes, os conhecimentos tradicionais sobre o uso das plantas medicinais.

A Associação Quilombola de Piracanjuba - Ana Laura tem como sede o antigo Centro Comunitário do Setor São Vicente de Paulo, cedido pelos vicentinos em regime de comodato. Desde 2015 a Associação Quilombola de Piracanjuba - Ana Laura vem reacendendo nessas famílias a alegria de uma identidade que une, agrega e fortalece o grupo. A associação visa manter a luta pelo despertar da consciência do povo quilombola em prol de combater a discriminação contra o negro.

A entidade ganhou o nome de Ana Laura em homenagem a uma escrava que lutou contra o regime escravagista nos garimpos de Minas Gerais. Atualmente dois tataranetos dela são associados da entidade e dão suporte aos trabalhos que a associação vem realizando. Estes irmãos estão sempre na sede da entidade, contando histórias e repassando aos mais novos o que eles viveram na infância.

Entre as atividades desenvolvidas como representação da cultura negra tem-se o artesanato produzido por um grupo de integrantes chamado “As Lalinhas”, em homenagem à Heulália, fundadora da Associação. Em 2016 foi instalada a loja denominada “Ateliê Quilombola: As Lalinhas”, situada no Centro da área urbana de Piracanjuba, na via de acesso ao município de Caldas Novas, local de grande tráfego de turistas.

No artesanato da comunidade são produzidas as bonequinhas pretas e as namoradeiras, sendo estas últimas muito usadas como adorno para as janelas. Também são confeccionados forros, panos de prato, caminhos de mesa e outros itens com bordados em linhas brancas com crivos e pontos cheios.

Há, ainda, as peças de teares de prego e outras tecidas em teares maiores, assim como as máscaras em papel machê ou em barro e a confecção de cerâmicas. Estas últimas buscam resgatar as originais peças utilitárias das famílias quilombolas que continham traços feitos com tinta branca sobre o barro ou cores fortes.

Os artesãos da Associação Quilombola de Piracanjuba - Ana Laura utilizam sementes e flores secas do cerrado brasileiro, criando uma identidade única para o artesanato local e perpetuando a tradição de uso das espécies nativas da região.

Atualmente, a associação luta por um local para realizar o cultivo de sementes crioulas, da tradicional mandioca e do milho, e, ainda, instalar o horto medicinal quilombola da associação.

LEVANTAMENTO DOS DADOS

A pesquisa foi cadastrada no Sistema Nacional de Gestão do Patrimônio Genético e do Conhecimento Tradicional Associado (SisGen) (conforme Lei nº 13.123 de 20/05/2015 (Brasil 2015), que revogou a Medida Provisória nº 2.186 de 23/08/2001 (Brasil 2001) sob o nº A5E365D.

O inciso V do parágrafo único da Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016 (CSN 2016), estabelece que não serão registradas nem avaliadas pelo sistema CEP/CONEP (Comitês de Ética em Pesquisa/Comissão Nacional de Ética em Pesquisa) pesquisa com bancos de dados, cujas informações são agregadas, sem possibilidade de identificação individual. Por entender que os dados da presente pesquisa se enquadram neste item não houve a submissão deste estudo no Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos.

Para o levantamento de dados foram selecionadas cinco participantes consideradas as “donas dos saberes” em relação ao conhecimento sobre as plantas medicinais. O contato inicial foi realizado em uma conversa informal com a presidente da Associação Quilombola de Piracanjuba - Ana Laura, a qual indicou uma quilombola e esta indicou outra, e, assim, sucessivamente. Tal técnica é conhecida como técnica da bola de neve (Albuquerque et al. 2008).

No contato com cada participante, foram apresentados os objetivos da pesquisa e a garantia do sigilo como premissa ética entre pesquisador e entrevistados. O consentimento das participantes foi formalizado através de Termo de Consentimento, conforme exigências da Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde, a qual estabelece que se tratando da realização de pesquisa com seres humanos, o indivíduo a ser pesquisado deve conhecer os objetivos e o modo como os dados serão utilizados (CNS 2012).

A coleta dos dados etnobotânicos e do material botânico foi realizada de janeiro a novembro de 2017, por meio de visitas semanais de acordo com a disponibilidade das informantes. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com uso de formulário contendo 21 questões. Durante as entrevistas foi realizado registro escrito e gravado para assegurar a absorção de todas as informações para fundamentação dos resultados. O questionário abrangeu o levantamento de dados concernentes às partes das plantas utilizadas (planta inteira, folha, raiz, flor, casca e entrecasca, fruto, semente, látex), a forma de coleta, indicações terapêuticas, formas de uso (*in natura*, chá por infusão ou decocção, inalação, tintura e uso local, xarope, pó, garrafada, banho, bochecho, gargarejo, sumo, fumo, óleo) e administração, além das informações abordando os aspectos socioeconômicos das entrevistadas.

Brenda Oliveira Guimarães; Ana Paula de Oliveira; Isa Lucia de Morais

As plantas citadas e encontradas nas residências das entrevistadas ou em locais próximos foram fotografadas e coletadas. Para todo o material coletado foram anotados os dados sobre hábito e características morfológicas da planta.

As plantas nativas foram classificadas quanto ao *status* de ameaça (IUCN 2016); se é a primeira ocorrência para o estado de Goiás, endêmica ou não do Brasil e sua distribuição nos domínios fitogeográficos brasileiros de acordo com a Lista de espécies da Flora do Brasil (Flora do Brasil 2020 2018). Para as espécies exóticas a origem foi classificada de acordo com os dados do Missouri Botanical Garden (Mobot 2018).

O material coletado foi herborizado conforme os procedimentos usuais e as exsiccatas incorporadas ao acervo do Herbário José Ângelo Rizzo (JAR), da Universidade Estadual de Goiás (UEG), Câmpus Quirinópolis. As duplicatas foram encaminhadas e doadas para outros herbários para que os especialistas nas famílias botânicas auxiliassem na identificação das espécies.

A partir dos dados dos questionários as plantas foram organizadas em onze categorias de usos medicinais (adaptado de Amorozo 2002; Medeiros et al. 2004; Silva et al. 2012), sendo elas: AD = doenças associadas ao aparelho digestivo; AR = doenças associadas ao aparelho respiratório; PD = doenças associadas à problemas dermatológicos; ID = doenças associadas à inflamação e dor; SN = doenças associadas ao sistema nervoso; SC = doenças associadas ao sistema cardiovascular; PU = doenças associadas a problemas urológicos; DP = doenças parasitárias; DG = doenças ginecológicas; PO = problemas ortopédicos; e SSG = sintomas e sinais gerais, aquelas com sintomatologia de várias doenças não específicas e ou de origem cultural.

Para verificar a importância relativa das plantas utilizadas na comunidade quanto ao número de informantes que as citaram e à concordância dos usos citados, foram listadas as plantas mencionadas por três ou mais informantes, totalizando 12 espécies. Os dados adquiridos foram tabulados de acordo com as informações recebidas. Para a análise de concordância relativa das espécies foi calculada a porcentagem de concordância quanto aos usos principais (*CUP*) utilizando a seguinte fórmula (Amorozo & Gély 1988):

$$CUP = \frac{n^{\circ} \text{ de informantes que citaram uso principal} \times 100}{n^{\circ} \text{ de informantes que citaram o uso da espécie}} \quad (1)$$

Em seguida calculou-se o Fator de Correção (*FC*) para cada espécie, levando em conta a frequência de citação de cada espécie em relação à da espécie mais citada:

Brenda Oliveira Guimarães; Ana Paula de Oliveira; Isa Lucia de Moraes

$$FC = \frac{n^{\circ} \text{ de informantes que citaram a espécie}}{n^{\circ} \text{ de informantes que citaram o uso da espécie mais citada}} \quad (2)$$

A CUP corrigida (*CUPc*) é dada pela fórmula: $CUPc = CUP \times FC$.

Quanto maior for esta concordância, é possível que a planta citada contenha algum composto químico que valide seu uso (Pilla et al. 2006). O grau de concordância alto (aquele que tem vários informantes indicando a mesma finalidade terapêutica) pode sugerir uma real efetividade no tratamento da afecção (Friedman et al. 1986). Este dado facilita a seleção de espécies vegetais para testes farmacológicos almejando comprovar a eficácia das substâncias ativas no tratamento de determinada enfermidade (Pinto et al. 2006).

Para avaliar a diversidade das plantas amostradas foi realizado o índice de diversidade de Shannon-Wiener (H') (Magurran 1988):

$H' = -\sum(pi)(\ln pi)$, sendo H' = índice de diversidade de Shannon-Wiener, $pi = ni/N$, onde ni = número de citações por espécie e N = número total de citações.

O índice de Equabilidade de Pielou é derivado do índice de diversidade de Shannon-Wiener e permite representar a uniformidade da distribuição dos indivíduos entre as espécies existentes (Pielou 1966). Seu valor apresenta uma amplitude de 0 (uniformidade mínima) a 1 (uniformidade máxima). O índice de equitabilidade de Pielou ou uniformidade foi obtido usando a seguinte fórmula:

$e = H'/\log S$, sendo e = índice de equitabilidade de Pielou ou uniformidade; H' = índice de diversidade de Shannon-Wiener e S = riqueza ou número de espécies presentes na comunidade (Krebs 1989).

A similaridade florística, comparando estudos realizados com outras comunidades quilombolas no Cerrado, foi investigada usando o índice de similaridade de Jaccard, e a construção do dendograma de agrupamento a partir dos coeficientes de Jaccard, com o uso do método de ligação UPGMA (*Unweighted Pair Group Method with Arithmetic Mean*) através do programa PAST.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

PERFIL DAS ENTREVISTADAS

Os participantes da pesquisa abrangeram cinco mulheres, embora não tenha sido feita nenhuma menção quanto ao gênero na busca pelo grupo de pesquisa. Diversos estudos confirmam que está alicerçado o conhecimento tradicional de plantas medicinais nas pessoas mais idosas da comunidade, especialmente as mulheres, que são as detentoras do conhecimento (Oliveira 2015). Tal

fato pode ser por elas, geralmente, serem as responsáveis pelo cuidado dos filhos, buscando conhecimentos sobre plantas medicinais, de modo a obter tratamentos caseiros para curar ou prevenir doenças dos integrantes da família (Löbler et al. 2014). Além disso, a maioria das mulheres, principalmente na zona rural ou cidades de interior, é do lar e cuida dos afazeres domésticos, dentre os quais o cultivo das plantas medicinais (Calábria et al. 2008; Oliveira & Menini Neto 2012).

As mulheres participantes da pesquisa têm idade entre 60 e 83 anos, nasceram e foram criadas em Piracanjuba, sendo a maioria criada na zona rural. Outros estudos também constataram esse perfil de idade dos usuários de plantas medicinais (Pereira et al. 2005; Pilla et al. 2006; Oliveira & Menini Neto 2012; Löbler et al. 2014). No Brasil, geralmente, as pessoas mais jovens se interessam pouco pelo tratamento com as plantas medicinais, e, por isso, as desconhecem (Oliveira & Menini Neto 2012). Além disso, os idosos, considerados os mais experientes sobre os saberes em relação à medicina popular, possivelmente não estão conseguindo repassar seus conhecimentos para as novas gerações, gerando a perda da tradição com o passar das gerações (Löbler et al. 2014).

As mulheres entrevistadas têm o Ensino Fundamental incompleto, apresentando um baixo nível de escolaridade. Uma realidade similar foi encontrada em outros estudos sobre o uso de plantas medicinais (Pilla et al. 2006; Oliveira & Menini Neto 2012; Löbler et al. 2014). O baixo nível de escolaridade e a utilização das plantas medicinais, na maioria das vezes, estão associados à baixa renda. A utilização das plantas é uma maneira de prevenção e tratamento de doenças mais acessível a essas pessoas, tendo em vista a procedência de considerável parte das plantas ser de suas próprias residências (Löbler et al. 2014).

Todas as entrevistadas declararam fazer uso de alguma planta medicinal sempre que necessário e consideraram as plantas medicinais como a primeira opção para cuidados com a saúde. Esta preferência pelo uso das plantas medicinais no tratamento de enfermidades pela comunidade quilombola também foi encontrada na pesquisa realizada por Ferreira et al. (2015).

As entrevistadas relataram que o conhecimento que elas utilizam foi transmitido pelos pais e avós. Segundo elas, a transmissão deste conhecimento é realizada apenas de forma oral, ao se indicar ou receitar alguma planta medicinal para a cura ou alívio de enfermidades que envolva algum familiar ou “conhecido”. Resultados similares foram obtidos em outros estudos sobre o uso de plantas medicinais por quilombolas (Ferreira et al. 2014; Ferreira et al. 2015).

Todas manifestaram preocupação em transmitir estas informações aos mais jovens. Entretanto, segundo elas, são poucos os que se interessam por este aprendizado. Isso também foi

evidenciado na pesquisa de Alves et al. (2018) em que esta situação se reflete nas palavras de uma raizeira “ninguém mais quer saber disso não”.

DADOS ETNOBOTÂNICOS

Foram registradas 91 espécies de plantas medicinais utilizadas pelas mulheres da Associação Quilombola de Piracanjuba - Ana Laura (Quadro 01), distribuídas em 41 famílias e 83 gêneros. Fabaceae (onze espécies) e Lamiaceae (oito) foram as mais ricas em espécies. Estas famílias também foram as mais ricas em espécies em outros estudos etnobotânicos no país (Guarim Neto & Morais 2003; Silva & Proença 2007 - apenas Fabaceae. Silva et al. 2012; Vasquez et al. 2014; Pasa et al. 2015; Fagundes et al. 2017; Alves et al. 2018 - apenas Lamiaceae).

Os gêneros mais ricos em espécies foram *Mentha* L. e *Citrus* L., ambos com três espécies. Entre alguns estudos etnobotânicos, em área de abrangência do Cerrado, com resultados semelhantes destacam-se os de Amorozo (2002), Borba & Macedo (2006), Silva & Proença (2007), Alves & Povh (2013) e Ferreira et al. (2015).

Quanto ao número de espécies citadas pelas “Donas do Saberes” o maior foi da A.A.S., a qual citou 67 espécies. Essa senhora possui um amplo conhecimento na produção de remédios naturais, sendo um deles a “garrafada” para diversos fins. A M.J.de.F. citou 30 espécies e confirmou conhecer as “fórmulas” das “garrafadas”, porém, há muitos anos não fabrica mais, pois diz ter medo da repressão que sofreu pela indústria farmacêutica. Já as demais “donas dos saberes” B.da.S.P. (citou 27 espécies), M.A.de.F. (20 espécies) e L.H.R.T. (13 espécies) afirmaram apenas saberem outros tipos de usos com as plantas medicinais, como os chás, emplastos, banhos, tempero, entre outros.

Entre as espécies medicinais citadas pelas “donas dos saberes”, a maioria é nativa (45,05%, n= 41), seguida de exóticas (34,07 %, n= 31) e naturalizadas (20,88%, n=19). Entre as nativas apenas *Himatanthus drasticus* e *Solanum cernuum* são endêmicas do Brasil. Entre os estudos em quilombos que também encontraram o uso de um maior número de plantas medicinais nativas estão os de Oliveira et al. (2010) e Cunha & Bortolotto (2011). Isto pode ser explicado pela origem das entrevistadas, as quais possuem o conhecimento de seus antepassados - os negros escravizados que utilizavam espécies vegetais, em sua maioria nativa do Cerrado. Essas pessoas cresceram convivendo com a cultura e biodiversidade presentes no Cerrado, o que lhes propiciou esse conhecimento etnobotânico.

Quadro 01. Plantas medicinais usadas pela comunidade da Associação Quilombola de Piracanjuba - Ana Laura, Piracanjuba, GO. Hábito: H = erva; Ar = árvore; Ab = arbusto; Sb = subarbusto; Tr = trepadeira. IUCN (*International Union for Conservation of Nature*) para as espécies nativas: NE= espécie não avaliada quanto à ameaça.

Continua...

Família	Espécie	Nome Vulgar	Hábito	Origem	IUCN/ Endêmica do Brasil/ Domínios fitogeográficos	Indicação	parte usada	Forma de uso e ou preparo
Adoxaceae	<i>Sambucus australis</i> Cham. & Schtdl.	sabugueiro-do-campo	Ab	nativa	NE/ não/ Mata Atlântica	Resfriados, sinusites, eliminação de catarros e artrite	flores e entrecasca	Chá feito por infusão
Amaranthaceae	<i>Dysphania ambrosioides</i> (L.) Mosyakin & Clemants	erva-de-santa-maria	Sb	naturalizada (Colômbia)	-	Verminoses	folhas, fruto	Chá por maceração e em forma de doce
	<i>Gomphrena arborescens</i> L.f.	panaceia, paratudo	Sb	Nativa	NE/ não/Cerrado	Febre e diarreia	raiz	Chá por decocção
Anacardiaceae	<i>Mangifera indica</i> L.	Mangueira	Ab	exótica (Índia)	-	Bronquite	folhas	As folhas devem ser secas ao sol, em local ventilado e sem umidade, em seguida, devem ser armazenadas em sacos de pano ou de papel. Fazer o chá por infusão
	<i>Myracrodruon urundeuva</i> Allemão	Aroeira	Ab	nativa	NE/não/ Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica	Antimicrobiana, micoses, câncer, limpeza de pele, coceiras, acne, manchas, desinfecção de ferimentos e fraturas.	entrecasca	Garrafada. Aplicação externa na forma de antisséptico, para o caso de fraturas e feridas expostas. Na forma de loções, géis ou sabonetes.
Apiaceae	<i>Foeniculum vulgare</i> Mill.	funcho, erva-doce	H	naturalizada (Mediterrâneo e Ásia Menor)	-	Tratamento de gripe e reguladora de pressão arterial.	sementes, folhas e raiz	Chá feito por infusão
	<i>Petroselinum crispum</i> (Mill.) Fuss	Salsa	H	exótica (Origem possivelmente Europa e região mediterrânica)	-	Melhorar a circulação e no tratamento de cólicas menstruais.	folhas, ramos e raiz	Chá feito por infusão.
Apocynaceae	<i>Catharanthus roseus</i> (L.) Don	beijo-branco, boa-noite-branca, vinca	H	cultivada (Madagascar)	-	Fungicida e no tratamento de câncer.	flores	Chá feito por infusão.
	<i>Himatantbus drasticus</i> (Mart.) Plumel	Tiborna	Ar	nativa	NE/ sim/ Amazônia, Caatinga, Cerrado	Tratamento de verminoses, febre, infertilidade feminina, úlcera gástrica e luxação de qualquer articulação.	látex	Garrafada com o látex e água.
	<i>Mandevilla velame</i> (A.St.-Hil.) Pichon	velame-branco	Sb	nativa	NE/não/ Cerrado, Pampa	Anti-inflamatória e depurativa do sangue.	raiz	Decocção das raízes.
Arecaceae	<i>Syagrus oleracea</i> (Mart.) Becc.	guariroba, gueiroba	H	nativa	NE/não/ Caatinga, Cerrado	Problemas urinários	folhas	Chá feito por decocção
Asteraceae	<i>Achyrocline</i>	Marcela	H	nativa	NE/não/ Cerrado, Mata	Disenteria e problemas digestivos	folhas e	Chá feito por infusão

	<i>satureioides</i> (Lam.) DC.				Atlântica, Pampa		ramos	
	<i>Artemisia absinthium</i> L.	Losna	Sb	exótica (Ásia, Europa e norte da África)	-	Herpes, erisipela, feridas na pele e diabetes	folhas, raiz	Chá feito por infusão. Aplicação externa na forma de maceração
	<i>Baccharis crispa</i> Spreng.	Carqueja	Sb	nativa	NE/não/ Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa	Problemas hepáticos, disfunções estomacais e intestinais, anti-inflamatória, diurética, digestiva, antianêmica, antiasmática, antibiótica, antidiarreica, antidispéptica, antigripal, anti-hidrópica, anti-reumática, laxante, sudorífica e vermífuga.	folhas	Chá feito por infusão e adoçado com mel
	<i>Bidens pilosa</i> L.	picão-preto	H	naturalizada (América tropical)	-	Hepatite, anemia e icterícia.	folhas	Chá feito por infusão
	<i>Matricaria recutita</i> L.	Camomila	H	exótica (Europa e norte da África)	-	Calmante, má digestão e problemas intestinais.	flores	Chá feito por infusão
	<i>Mikania glomerata</i> Spreng.	Guaco	Tr	nativa	NE/ não/ Cerrado, Mata Atlântica	Infecção de urina, tosse, bronquite e rouquidão.	folhas	Chá feito por infusão
	<i>Tanacetum parthenium</i> (L.) Sch. Bip.	Artemigio	H	exótica (Europa)	-	Ajuda a mulher no resguardo e a regular a menstruação.	folhas	Garrafada
Balsaminaceae	<i>Impatiens balsamina</i> L.	beijo-branco, beijo-de-frade	H	exótica (Índia)	-	Lesões na pele.	Folhas e talos.	As folhas e os talos socados podem ser aplicados diretamente nas partes afetadas.
Bignoniaceae	<i>Handroanthus impetiginosus</i> (Mart. ex DC.) Mattos	ipê-roxo	Ar	nativa	NE/não/ Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pantanal	Anti-inflamatória e antibacteriana.	entrecasca	Fazer o chá por infusão.
Bixaceae	<i>Cochlospermum regium</i> (Mart. ex Schrank) Pilg.	algodãozinho-do-cerrado	Ab, Sb	nativa	NE/não/ Amazônia, Caatinga, Cerrado, Pantanal	Inflamações uterinas e infecção no fígado.	raiz	Chá
Caricaceae	<i>Carica papaya</i> L.	mamão	Ar, Ab	naturalizada (Originária da Índia e Malásia)	-	Asma, diabete, vermífugo e para eliminar verrugas.	látex, sementes	O látex <i>in natura</i> é usado para eliminar verrugas. Usar as sementes secas e moídas na forma de chá como vermífugo.
Combretaceae	<i>Terminalia argentea</i> Mart.	capitão	Ar, Ab	nativa	NE/não/ Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica	No tratamento de gripe e problemas respiratórios.	entrecasca	Garrafada
	<i>Terminalia catappa</i> L.	sete-copas	Ar	naturalizada (Originária da Índia)	-	Infecção de rins.	folhas secas	Chá por infusão
Convolvulaceae	<i>Operculina macrocarpa</i> (L.) Urb.	maruleite	Tr	nativa	NE/não/ Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica	Depurativa do sangue.	rizoma	Alimentação
Crassulaceae	<i>Kalanchoe pinnata</i> (Lam.) Pers.	folha-santa	H	naturalizada (Origem	-	Expectorante natural.	folhas	Macerar e beber o sumo fresco com mel

				possivelmente Madagascar)				
	<i>Sedum dendroideum</i> DC.	bálsamo	H	exótica (África do Sul e Ásia)	-	Dor de ouvido e infecção de garganta.	folhas	Use o suco das folhas através da maceração
Cucurbitaceae	<i>Cayaponia tayaia</i> (Vell.) Cogn.	cipó-azugo, azougue-do-brasil	Tr	nativa	NE/não/ Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica	Contra dores em geral e como purificador do sangue.	raízes	Na forma de decocto
	<i>Cucurbita pepo</i> L.	abóbora	Tr	exótica (México)	-	Verminoses.	semente	Torrar e fazer paçoca
	<i>Lagenaria siceraria</i> (Molina) Standl.	cabaça	Tr	exótica (Ásia)	-	No tratamento de cólica de bebê.	folhas	Coloca a folha quente barriga de bebê
	<i>Luffa operculata</i> L. Cogn.	buchinha	Tr	nativa	NE/não/ Amazônia, Cerrado, Mata Atlântica	Sinusite.	bucha fibrosa do fruto	Colocar uma colher de café de sal em uma xícara de chá de água. Descascar a buchinha e cortar um pedaço com 2 cm e colocar na xícara de água e sal, deixando em descanso por 5 dias e coar. Pingar 2 gotas em cada narina, pela manhã e à noite, sem assoar o nariz, deixando escorrer naturalmente.
	<i>Momordica charantia</i> L.	melão-de-são-caetano	Tr	naturalizada (Ásia e África)	-	No tratamento de verminoses, hemorroidas e diarreia.	folhas	Usar o sumo fresco das folhas diluído em água
Euphorbiaceae	<i>Croton antisyphiliticus</i> Mart.	pé-de-perdiz	H, Ab, Sb	nativa	NE/não/ Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica	Infecção ovário e como depurativo do sangue	raiz	Chá por decocção, garrafada
	<i>Croton urucurana</i> Baill.	sangra-d'água	Ar	nativa	NE/não/ Amazônia, Cerrado, Mata Atlântica	Infecção uterina, cicatrizante, para eliminar erisipelas e erupções da pele	casca	Garrafada
	<i>Jatropha gossypifolia</i> L.	pinhão	H, Ab, Sb	nativa	NE/desconhecido/ Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pantanal	Lombrigueiro	folhas e frutos	Chá
	<i>Ricinus communis</i> L.	mamona	Ab	naturalizada (Originária da África)	-	Emoliente e cicatrizante	óleo	Uso tópico
Fabaceae	<i>Anadenanthera colubrina</i> (Vell.) Brenan	angico	Ar	nativa	NE/não/ Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica	No tratamento de alergias, diarreias e pneumonias	entrecasca	Garrafada
	<i>Bauhinia variegata</i> L.	pata-de-vaca	Ar	exótica (China)	-	Diabetes, dor no peito, coração	flores	Chá
	<i>Calliandra dysantha</i> Benth.	ciganinha	Ab, Sb	nativa	NE/não/ Caatinga, Cerrado	Para regular o ciclo menstrual e problemas da pele	raiz, flores	Em forma de decocto
	<i>Copaifera langsdorffii</i> Desf.	óleo-de-pau, copaíba	Ar	nativa	NE/não/ Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica	Bronquite, reumatismo, artrose, artrite e dor nas pernas	óleo do tronco	Queimar o óleo na pinga e aplicar no local da dor

Plantas Medicinais de Uso Popular na Comunidade Quilombola de Piracanjuba - Ana Laura, Piracanjuba, GO

Brenda Oliveira Guimarães; Ana Paula de Oliveira; Isa Lucia de Moraes

	<i>Dipteryx alata</i> Vogel	baruzeiro	Ar	nativa	NE/não / Amazônia, Caatinga, Cerrado	Regulador menstrual e reumatismo	entrecasca	Garrafada
	<i>Hymenaea courbaril</i> L.	jatobá	Ar	nativa	NE/não/ Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pantanal	Bronquite	casca, entrecasca	Macerada no vinho, garrafada
	<i>Myrocarpus frondosus</i> Allemão	balsámo, cabreúva	Ar	nativa	NE/não/Mata Atlântica	Infecção	folhas, entrecasca	Chá por infusão
	<i>Periandra mediterranea</i> (Vell.) Taub.	alcaçuz	Ab, Sb	nativa	NE/não/ Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica	Infecção de garganta e contra gripe	raiz, rizoma	Xarope
	<i>Pterodon emarginatus</i> Vogel	sucupira	Ar	nativa	NE/não/ Amazônia, Caatinga, Cerrado, Pantanal	Má digestão e infecção feminina	casca, sementes	Maceração da casca e sementes e depois faz-se o chá por infusão.
	<i>Senna alexandrina</i> Mill.	sene	H, Sb	nativa	NE/não/ Caatinga	Laxante, purgativa, depurativo do sangue	folhas	Chá
	<i>Stryphnodendron adstringens</i> (Mart.) Coville	barbatimão	Ar, Ab	nativa	NE/não/ Caatinga, Cerrado	Cicatrizante de feridas da pele, gastrite, úlcera, infecção no útero e corrimento vaginal.	entrecasca, folhas	Garrafada
Iridaceae	<i>Sisyrinchium vaginatum</i> Spreng.	capim-reis	H	nativa	NE/não/ Cerrado, Mata Atlântica	Pressão alta e febre	folhas	Colocar no suco ou vinho e deixar cortar
	<i>Trimezia lurida</i> Salisb.	ruibarbo	H	exótica (África)	-	Diarreia	folhas	Chá por infusão
Lamiaceae	<i>Leonotis nepetifolia</i> (L.) R.Br.	cordão-de-frade	H	naturalizada (África e Índias Orientais)	-	No tratamento de doenças no aparelho reprodutivo	ramos, raiz	Chá por infusão
	<i>Mentha canadensis</i> L.	vique	H	exótica (China)	-	No tratamento de gripe e asma	folhas	Chá por infusão
	<i>Mentha pulegium</i> L.	poejo	H	exótica (Europa)	-	Curar umbigo e icterícia.	folhas	Chá por infusão
	<i>Mentha spicata</i> L.	hortelã	H	exótica (Europa)	-	Como calmante e no tratamento de gases	folhas	Chá por infusão, maceração e em xarope.
	<i>Ocimum basilicum</i> L.	alfavaca, alfavacaquinha	Sb	exótica (Ásia e África)	-	Calmante	folhas	Chá por infusão
	<i>Ocimum gratissimum</i> L.	alfavaca, alfavacão	Sb	naturalizada (Ásia e África)	-	No tratamento de gripe e sinusite	folhas	Chá por infusão e no preparo de banhos antigripais
	<i>Plectranthus barbatus</i> Andrews	boldo	Sb	exótica (África)	-	Problemas digestivos	folhas	Chá por infusão ou por maceração
	<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	alecrim	Sb	exótica (Europa)	-	Como calmante e para dor no peito e coração	folhas	Chá feito por infusão
Lauraceae	<i>Cinnamomum camphora</i> (L.) J. Presl	alcanfor	Ar	exótica (Ásia)	-	Como anti-inflamatório, e para problemas estomacais	folhas	No álcool ou no vinho
Loganiaceae	<i>Strychnos pseudoquina</i> A.St.-Hil.	quina, quina-do-mato	Ar, Ab	nativa	NE/não/ Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pantanal	No tratamento de infecções urinárias, problemas hepáticos e diabetes	folhas, raiz	Chá por infusão
Lythraceae	<i>Punica granatum</i> L.	romã	Ab	exótica (Ásia)	-	Infecção de garganta.	sementes, casca do fruto	Decocção de 1/4 da casca de um fruto por 10 minutos em um copo de água.

Plantas Medicinais de Uso Popular na Comunidade Quilombola de Piracanjuba - Ana Laura, Piracanjuba, GO

Brenda Oliveira Guimarães; Ana Paula de Oliveira; Isa Lucia de Moraes

							e do caule, casca da raiz	
Malvaceae	<i>Ceiba speciosa</i> (A.St.-Hil.) Ravenna	barriguda, paineira	Ar	nativa	NE/não/ Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica	As flores são usadas como diurético e analgésico, e a casca para aliviar hérnias e inguas	flores, casca	Chá das flores feito por infusão. A casca é usada em garrafada
	<i>Gossypium berbaceum</i> L.	algodão	Ab	naturalizada (América Central)	-	Como antibiótico e no tratamento de infecção nos rins	folhas	Chá feito por infusão
	<i>Waltheria communis</i> A.St.-Hil.	douradinha	Sb	nativa	NE/não/ Cerrado, Mata Atlântica	Trata doenças da pele, diminui a pressão arterial e auxilia no tratamento contra sífilis	folhas e casca	Chá por decocção. Garrafada.
Meliaceae	<i>Guarea guidonia</i> (L.) Sleumer	marinheiro	Ar	nativa	NE/não/ Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica	No tratamento de problemas no estômago	folhas e frutos	Decocção das folhas. Garrafadas
Moraceae	<i>Brosimum gaudichaudii</i> Trécul	mamacadela, mamica-de- cadela	Ar, Ab	nativa	NE/não/ Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica	No tratamento de vitiligo e úlceras	casca das raízes, frutos e folhas	Chá por decocção de raízes e folhas ou por infusão. Uso tópico por banho no local.
	<i>Morus</i> sp.	amoreira	Ar, Ab	exótica (Ásia)	-	Tratamento de aftas, menopausa	Folhas e fruto	Chá das folhas por infusão; suco dos frutos.
Myristicaceae	<i>Myristica fragrans</i> Houtt.	noz-moscada	Ar	exótica (México)	-	Melhora a circulação sanguínea	semente	Chá por infusão da semente ralada. Recomenda-se adoçar com mel
Myrtaceae	<i>Syzygium aromaticum</i> (L.) Merr. & L.M. Perry	cravo, cravinho	Ar	exótica (Índia)	-	Como carminativo nos casos de acúmulo de gases no aparelho digestivo e como estimulante das funções digestivas	botões secos	Chá por infusão
Orchidaceae	<i>Cyrtopodium saintlegerianum</i> Rchb.f.	rabo-de-tatu	H	nativa	NE/não/ Amazônia, Caatinga, Cerrado	Problemas no estômago e furúnculo	seiva, bulbo, raiz.	Xarope.
Phyllanthaceae	<i>Phyllanthus niruri</i> L.	quebra-figo, quebra-pedra	H, Sb	nativa	NE/não/ Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica	Infecções e problemas urinários	planta inteira	Chá por fervura.
Phytolaccaceae	<i>Petiveria alliacea</i> L.	guiné	Sb	naturalizada (África)	-	No tratamento de tosse e gripe	folhas, raiz	Chá por infusão. Em doses elevadas ou repetidas é considerada tóxica.
Piperaceae	<i>Piper nigrum</i> L.	pimenta-do- reino	Ab, Tr	exótica (Índia)	-	No tratamento de inflamações, sinusite e problemas de digestão.	frutos	Tempero
Poaceae	<i>Coix lacryma-jobi</i> L.	conta-de- lágrima, capim- rosário	H	naturalizada (Índia)	-	Diurética, antisséptica das vias respiratórias e urinárias e antirreumática	Folhas e frutos	Chá por infusão das folhas secas ou dos frutos triturados
	<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf	erva-cidreira, capim-limão	H	naturalizada (Índia)	-	Como calmante e no tratamento de gripe	folhas	Chá por infusão
	<i>Zea mays</i> L.	milho	H	naturalizada (América)	-	No tratamento de infecção urinária	estigmas e estiletes (cabelo-de- milho)	Chá por infusão
Polypodiaceae	<i>Phlebodium decumanum</i> (Willd.) J.Sm.	samambaia	H	nativa	NE/não/Amazônia, Cerrado, Mata Atlântica, Pantanal	No tratamento de infecção de garganta	Rizoma e raiz	Chá feito por infusão

Plantas Medicinais de Uso Popular na Comunidade Quilombola de Piracanjuba - Ana Laura, Piracanjuba, GO

Brenda Oliveira Guimarães; Ana Paula de Oliveira; Isa Lucia de Moraes

Rosaceae	<i>Prunus domestica</i> L.	ameixa	Ar	exótica (Origem possivelmente na Persia)	-	Combater a tosse, tratamento para baixar a pressão alta	fruto	Xarope
	<i>Prunus persica</i> (L.) Batsch	pêssego	Ar	exótica (China)	-	Depurativo do Sangue	fruto	Consumir o fruto <i>in natura</i>
	<i>Rosa alba</i> L.	rosa-branca	Ab	exótica (Ásia)	-	No tratamento de furúnculos	flores	Ferver no leite
Rubiaceae	<i>Morinda citrifolia</i> L.	none	Ar	exótica (Ásia)	-	No tratamento de escaras e diversas moléstias	frutos	Banho, suco
Rutaceae	<i>Citrus × aurantium</i> L.	laranjeira	Ar	naturalizada (Ásia)	-	No tratamento de febre, gripe e resfriado	folhas	Chá por infusão
	<i>Citrus maxima</i> (Burm.) Merr.	lima-de-bico	Ar	exótica (Ásia)	-	No tratamento de sinusite e para regular a pressão arterial	fruto	Tirar a casca do fruto; após lavar, deve-se colocar em um pote de vidro com álcool e cheirar
	<i>Citrus medica</i> L.	limão	Ar	naturalizada (Ásia)	-	Uso antisséptico indicado principalmente para prevenir doenças infecciosas	caldo do fruto	Beber o caldo do fruto com água
	<i>Ruta graveolens</i> L.	arruda	H	exótica (Europa)	-	No tratamento de terçol, menstruação em atraso e resguardo quebrado	folhas	Chá por infusão das folhas ou queimadas na pinga
Salicaceae	<i>Casearia sylvestris</i> Sw.	erva-de-largarto	Ar, Ab, Sb	nativa	NE/não/ Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa, Pantanal	No tratamento de enfisema pulmonar, gastrite e úlcera	folhas	Chá por maceração das folhas ou por infusão
Sapindaceae	<i>Dilodendron bipinnatum</i> Radlk.	maria-pobre	Ar	nativa	NE/não/ Amazônia, Cerrado, Mata Atlântica	No tratamento de lombalgia	folhas, casca	Chá feito por decoção
Smilacaceae	<i>Smilax japicanga</i> Griseb.	salsa-parrilha	Tr	nativa	NE/ Não/ Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa, Pantanal	No tratamento de infecções e como depurativo do sangue	raiz	Chá feito por infusão
Solanaceae	<i>Atropa belladonna</i> L.	beladona	Ab	exótica (Austrália)	-	Calmanete, no tratamento de asma, bronquite e coqueluche	folhas e flores	Pode ser usada na forma de tintura, pó ou extrato
	<i>Nicotiana tabacum</i> L.	fumo, tabaco	H, Sb	naturalizada (América do Sul)	-	Para curar o umbigo de recém-nascido	folhas	Na forma de emplasto
	<i>Solanum cernuum</i> Vell.	panaceia	Ab	nativa e endêmica do Brasil	NE/sim/ Cerrado, Mata Atlântica	Diurética; no tratamento de hemorragias, gonorreia e doenças da pele.	folhas	Chá das folhas tostadas
Zingiberaceae	<i>Curcuma longa</i> L.	açafrão	H	exótica (Índia)	-	No tratamento de tosse e doenças da via respiratória	rizomas	Fazer chá ou xarope

Fonte: Autores.

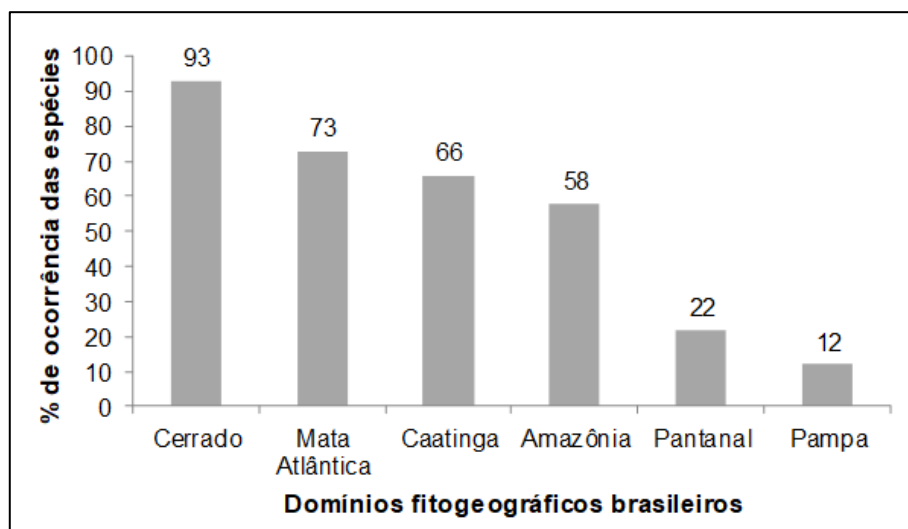
Neste estudo se observou que há dez espécies que são nativas do continente africano. Este é o caso das espécies *Mentha pulegium* e *Kalanchoe pinnata*, as quais também foram identificadas no levantamento quilombola realizado por Pereira & Ferreira (2017).

Em relação ao hábito das espécies medicinais citadas o predominante foi o arbóreo (30), seguido pelo herbáceo (29), arbustivo (22), subarbustivo (20) e trepadeira (16). Resultado similar foi encontrado na compilação de dados sobre estudos etnobotânicos do estado de Goiás, realizada por Silva & Proença (2007) (36%) e do estado de Mato Grosso, feita por Guarim Neto & Moraes (2003) (31%). A predominância do uso de arbóreas está associada à maior representatividade das espécies medicinais serem nativas. As espécies arbóreas são extremamente importantes para a medicina tradicional no Cerrado, pois na estação seca as pessoas dispõem, principalmente, dos recursos ofertados por elas, das quais produzem medicamentos (Silva & Proença 2007).

Nenhuma das espécies medicinais nativas citadas foi avaliada quanto ao *status* de ameaça (Flora do Brasil 2020 2018). Logo, existe carência de estudos em prol de avaliar como estão as populações de espécies nativas medicinais no Brasil quanto à ameaça de extinção.

A maioria das 41 espécies nativas amostradas no presente estudo não é exclusiva do Cerrado, sendo em grande parte, compartilhada principalmente com os domínios fitogeográficos da Mata Atlântica (73%), Caatinga (66%) e Amazônia (58%) (Figura 01). Entre estas quatro são exclusivas de um dos domínios fitogeográficos brasileiros: *Gomphrena arborescens* para o Cerrado; *Sambucus australis* e *Myrocarpus frondosus* para Mata Atlântica; e *Senna alexandrina* para Caatinga (Figura 01).

Figura 01. Porcentagem de espécies de plantas medicinais usadas pelas mulheres da Associação Quilombola de Piracanjuba, GO, de acordo com a ocorrência no domínio fitogeográfico brasileiro.



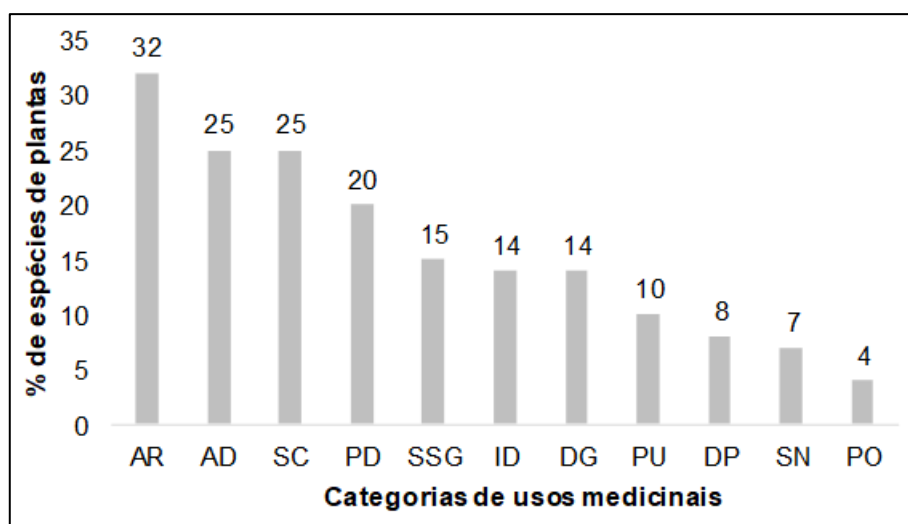
Fonte: Autores.

Brenda Oliveira Guimarães; Ana Paula de Oliveira; Isa Lucia de Morais

Houve um predomínio de uso das plantas para tratar problemas das vias respiratórias (32%), seguido das doenças relacionadas aos sistemas digestivo e cardiovascular (25% cada) e problemas dermatológicos (20%) (Figura 02). Esses resultados foram similares em outros estudos etnobotânicos com populações quilombolas (Franco & Barros 2006; Souza & Felfili 2006; Silva et al. 2012; Oliveira 2015).

A parte vegetal mais utilizada pelas mulheres entrevistadas foram as folhas. Esse resultado também foi encontrado em outros estudos no Centro-Oeste (Arantes et al. 2003; Pasa et al. 2005; Maciel & Guarim Neto 2006; Alves et al. 2018). O uso das folhas é uma forma de utilização positiva considerando a conservação dos recursos naturais, pois não causa a morte do espécime coletado, e, portanto, contribui para a conservação da flora local (Tuler 2011).

Figura 02. Porcentagem de espécies de plantas medicinais usadas pelas mulheres da Associação Quilombola de Piracanjuba, GO, de acordo com a ocorrência no domínio fitogeográfico brasileiro.



Fonte: Autores.

A forma de preparo mais utilizada foi o chá. Resultados similares foram registrados em outros estudos etnobotânicos (Silva et al. 2012; Vasquez et al. 2014; Ferreira et al. 2014; Oliveira 2015; Alves et al. 2018). As “donas dos saberes” disseram fazer uso de algumas plantas medicinais em forma de chá sem indicações, pois, acreditam que possa ser benéfico e porque gostam de tomar, sem ter um motivo específico, como precisar prevenir ou tratar alguma enfermidade.

Em relação ao tempo de duração do tratamento, foi constatado que é variado, sem tempo definido, sendo individual, ou seja, específico para cada pessoa. Tal situação é verificada na fala de uma “Dona do Saber” Sra. A.A.S. 65 anos: *“que o remédio caseiro é mais demorado a valer, porque quando ele cura, tá curado”*.

Brenda Oliveira Guimarães; Ana Paula de Oliveira; Isa Lucia de Morais

Ao serem questionadas se as plantas que citaram apresentam algum efeito colateral, as “donas dos saberes” mencionaram: a meladona (efeito alucinógeno), buchinha (abortivo e a ingestão pode matar), tambu (abortivo) e as folhas de mangueira (“muito quente”). Desta forma, elas concordam que existem algumas espécies tóxicas ou com efeitos colaterais indesejáveis, e, ainda, que podem interagir negativamente com outros remédios ou até mesmo com a alimentação.

Neste contexto, é importante que sejam ampliados os estudos científicos que comprovem a eficácia destas plantas para os determinados fins apresentados, bem como a capacitação dos membros da associação para que possa haver o desenvolvimento deste conhecimento e a possível infraestrutura necessária para atender as exigências de manuseio e fabricação dos fitoterápicos.

As espécies que obtiveram o maior número de informantes foram *Croton antisiphiliticus* (pé-de-perdiz), *Dysphania ambrosioides* (erva-de-santa-maria), *Ricinus communis* (mamona) e *Copaifera langsdorffii* (pau-d’óleo, copaíba). *Dysphania ambrosioides* é considerada naturalizada e *Ricinus communis* cultivada no país, ambas com ocorrência espontânea em grande parte do país, principalmente em locais antropizados. As outras são nativas. Todas apresentam ampla distribuição no Brasil, em especial no Cerrado, o que justifica terem sido mencionadas pela maioria das entrevistadas.

As espécies que obtiveram o valor máximo de concordância de uso foram *Stryphnodendron adstringens* (barbatimão), *Dysphania ambrosioides*, *Dilodendron bipinnatum* (maria-pobre), *Croton antisiphiliticus*, *Punica granatum* (romã) e *Curcuma longa* (açafrão) (Quadro 02). Estas espécies são comumente usadas na medicina popular do Cerrado, em especial de Goiás. Entre elas, as nativas do Cerrado *Croton antisiphiliticus* e *Stryphnodendron adstringens* estão entre as espécies com maior número de citações bibliográficas na compilação de dados feita por Silva & Proença (2007) para Goiás.

A diversidade de espécies medicinais usadas pelas entrevistadas é alta ($H' = 4,41$), assim como o índice de equitabilidade de Pielou ($J' = 0,97$). Esses resultados são similares aos valores encontrados por outros estudos em áreas de Cerrado (Quadro 03). O índice de diversidade alto sugere que a comunidade quilombola possui um significativo conhecimento etnobotânico ao utilizar uma grande quantidade de espécies da diversidade local. Adiciona-se a isso o fato de que quanto maior a diversidade florística local, maior a disponibilidade de espécies para serem usadas (Begossi 1996). Isso é confirmado também pelo índice de equitabilidade alto, o qual indica que o conhecimento sobre plantas medicinais tem distribuição relativamente uniforme entre as mulheres entrevistadas (Amorozo 2002; Cunha & Bortolotto 2011).

Quadro 02. Nome científico, uso principal e porcentagem de concordância quanto ao(s) uso(s) principal(is) (espécies citadas por três ou mais informantes). ICUE - nº de informantes citando uso da espécie; ICUP - nº de informantes citando uso principal; CUP - índice de concordância de uso; FC - fator de correção; CUPc - CUP corrigida, na Comunidade Quilombola de Piracanjuba - Ana Laura, Piracanjuba, GO.

Nome Científico	Uso Principal	ICUE	ICUP	CUP	FC	CUPc
<i>Stryphnodendron adstringens</i> (Mart.) Coville	Infecções	3	3	100	0,75	75
<i>Dysphania ambrosioides</i> (L.) Mosyakin & Clemants	Vermínosos	4	4	100	1	100
<i>Dilodendron bipinnatum</i> Radlk.	Lombalgia	3	3	100	0,75	75
<i>Croton antisiphiliticus</i> Mart.	Infecção feminina	4	4	100	1	100
<i>Punica granatum</i> L.	Infecção garganta	3	3	100	0,75	75
<i>Curcuma longa</i> L.	Tosse	3	3	100	0,75	75
<i>Ricinus communis</i> L.	Cicatrizante	4	3	75	1	75
<i>Copaifera langsdorffii</i> Desf	Reumatismo	4	3	75	1	75
<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	Dor no peito	3	2	66,7	0,75	50
<i>Gossypium herbaceum</i> L.	Infecção de urina	3	2	66,7	0,75	50
<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf	Calmanete	3	2	66,7	0,75	50
<i>Citrus medica</i> L.	Gripe	3	2	66,7	0,75	50

Fonte: Autores.

Houve dissimilaridade florística comparando o presente estudo com outros estudos etnobotânicos realizados em comunidades quilombolas do Cerrado (Quadro 04; Figura 03). Tal resultado evidencia que cada local tem características próprias, ou seja, revela a diversidade florística agregada às diferenças culturais entre estas comunidades quanto ao uso da flora do Cerrado e de espécies cultivadas.

Quadro 03. Comparação entre os índices de diversidade de Shannon-Wiener (H') e Equitabilidade de Pielou (J') entre estudos etnobotânicos de diferentes locais do domínio fitogeográfico do Cerrado. NI = número de informantes; NC = número de citações; NE = número de espécies.

Local	H'	J'	NI	NC	NE	Autores
Ana Laura, Piracanjuba, GO	4,41	0,97	5	157	91	Este Trabalho
Santo Antônio, do Leverger, MT	5,09	0,94	-	938	228	Amorozo (2002)
Anastácio, MS	5,03	0,94	35	-	209	Cunha; Bortolotto (2011)

Fonte: Autores.

Esse resultado ressalta, ainda, a importância de pesquisas etnobotânicas em comunidades tradicionais, como os quilombolas, no tocante ao registro e preservação da cultura, quanto aos usos da flora, agregada ao desenvolvimento de técnicas de manejo sustentável dos recursos naturais.

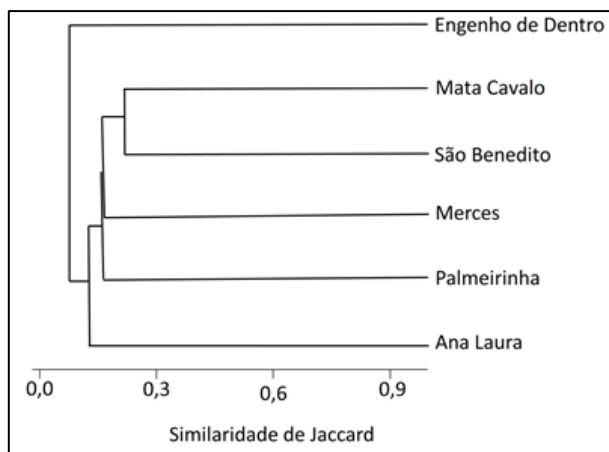
Quadro 04. Índice de similaridade de Jaccard (SJ) entre as comunidades quilombolas A= este estudo, B= Mata Cavallo, MT (Ferreira et al. 2015), C= Engenho de Dentro, GO (Oliveira et al. 2011), D= Carreiros, Mercês, MG (Ferreira et al. 2014), E= Palmeirinha, MG (Mota et al. 2015), F= São Benedito, MT (Duarte & Pasa 2016).

Comunidades	A	B	C	D	E	F
A	1	0,15	0,05	0,12	0,11	0,11
B	0,15	1	0,05	0,21	0,13	0,12
C	0,05	0,05	1	0,06	0,10	0,11
D	0,12	0,21	0,06	1	0,18	0,2
E	0,11	0,13	0,10	0,18	1	0,16
F	0,11	0,12	0,11	0,20	0,16	1

Fonte: Autores.

Brenda Oliveira Guimarães; Ana Paula de Oliveira; Isa Lucia de Morais

Figura 03. Dendrograma gerado a partir do Índice de similaridade de Jaccard (SJ) entre os trabalhos realizados em comunidades quilombolas do Cerrado e o presente estudo. A= este estudo, B= Mata Cavalo, MT (Ferreira et al. 2015), C= Engenho de Dentro, GO (Oliveira et al. 2011), D= Carreiros, Mercês, MG (Ferreira et al. 2014), E= Palmeirinha, MG (Mota et al. 2015), F= São Benedito, MT (Duarte & Pasa 2016).



Fonte: Autores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um dos aspectos relevantes da pesquisa é quanto ao número de mulheres entrevistadas na Associação Quilombola de Piracanjuba, GO - Ana Laura, o qual, mesmo tendo sido baixo, não interferiu na diversidade de espécies medicinais citadas quando comparado a outros estudos etnobotânicos subsidiados por um número de entrevistados maior.

O desmatamento do Cerrado está ameaçando este conhecimento tradicional, sendo isto confirmado pelas “donas dos Saberes”, pois o local onde elas buscavam as plantas do Cerrado, atualmente não existe mais.

Neste contexto, o registro do conhecimento etnobotânico, sobretudo nas comunidades tradicionais, torna-se ainda mais relevante em prol da adoção de medidas para ampliar e conservar os remanescentes de Cerrado no país. E, ainda, as indicações etnobotânicas explicitadas podem fornecer relevantes contribuições para a conservação da diversidade sócio-cultural e biológica das espécies conhecidas pelas populações tradicionais.

REFERÊNCIAS

Albuquerque UP de, Lucena RFP de, Alencar NL 2008. *Métodos e técnicas para coleta de dados etnobotânicos*. 2.ed. Comunigraf Editora, Recife.

Alves GSP, Povh JA 2013. Estudo etnobotânico de plantas medicinais na comunidade de Santa Rita, Ituiutaba – MG. *Biotemas*, 26(3):231-242.

- Alves HKDR, Morais IL de, Caes AL 2018. Medicina popular no Cerrado e plantas medicinais usadas pelas irmãs raízeiras de Morrinhos, GO. In: FR dos Santos (Org.) *Economia, Política e Sociedade: vicissitudes e perspectivas para a preservação do meio ambiente no Brasil*. Editora CRV, Curitiba, p. 329-355.
- Amorozo MCM 2002. Uso e diversidade de plantas medicinais em Santo Antônio do Leverger, MT, Brasil. *Acta Botânica Brasileira*, 16:189-203.
- Amorozo MCM, Gély A 1988. Uso das plantas medicinais por caboclos do baixo Amazonas, Barcarena, PA, Brasil. *Boletim do Museu Paranaense "Emílio Goeldi"*, 4:47-131.
- Anjos RSA 2000. *Territórios das Comunidades Remanescentes de Antigos Quilombos no Brasil – Primeira Configuração Espacial*. 2.ed. Mapas Editora & Consultorias, Brasília, 92 pp.
- Arantes AA, Caldas ER, Silva KGA 2003. O uso de plantas medicinais no município de Itumbiara, Goiás, Brasil. *Práxis*, 3:43-56.
- Begossi A 1996. Use of Ecological Methods in Ethnobotany: Diversity Indices. *Economic Botany*, 50(3):280-289.
- Borba AM, Macedo M 2006. Plantas medicinais usadas para a saúde bucal pela comunidade do bairro Santa Cruz, Chapada dos Guimarães, MT, Brasil. *Acta Bot Bras* 20:771-782.
- Brasil 2001. Medida Provisória nº 2.186 de 23 de agosto de 2001. [acessado em Jan 2018]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/mpv/2186-16.htm.
- Brasil 2015. Lei nº 13.123 de 20 de maio de 2015. [acessado em Jan 2018]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113123.htm.
- Calábria L, Cuba GT, Hwang SM, Marra JCF, Mendonça MF, Nascimento RC, Oliveira MR, Porto JPM, Santos DF, Silva BL, Soares TF, Xavier EM, Damasceno AA, Milani JF, Rezende CHA, Barbosa AAA 2008. Levantamento etnobotânico e etnofarmacológico de plantas medicinais em Indianópolis, Minas Gerais, Brasil. *Revista Brasileira de Plantas Medicinais*, 10(1):49-63.
- Cardoso MRD, Marcuzzo FFN, Melo DCR 2011. Mapeamento temporal e espacial da precipitação pluviométrica da região metropolitana de Goiânia. *Anais... INPE*, São José dos Campos.
- Costa e Silva MR, Estevam LA 2013. O esvaziamento das regiões rurais: o caso da bacia leiteira de Piracanjuba, GO, Brasil (2000-2010). *Redes*, 18(3):62-81.
- CSN (Conselho Nacional de Saúde) 2016. Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016. [acessado em Ago 2016]. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>.
- Cunha SA, Bortolotto IM 2011. Etnobotânica de plantas medicinais no assentamento Monjolinho, município de Anastácio, Mato Grosso do Sul, Brasil. *Acta Botanica Brasileira*, 25(3):685-698.
- Dias DCS 2009. *Estratégia para gerenciamento de resíduos sólidos urbanos no município de Piracanjuba (GO)*. Dissertação (Mestrado em Ecologia e Produção Sustentável), Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 146 pp.

- Duarte GSD, Pasa MC 2016. Agrobiodiversidade e a etnobotânica na comunidade São Benedito, Poconé, Mato Grosso, Brasil. *Interações*, 17(2): 247-256.
- Fagundes NCA, Oliveira GL, Souza BG 2017. Etnobotânica de plantas medicinais utilizadas no distrito de Vista Alegre, Claro dos Poções – Minas Gerais. *Revista Fitos*, 11(1):1-118.
- Ferreira ALS, Batista CAS, Pasa MC 2015. Uso de plantas medicinais na comunidade quilombola Mata Cavalo em Nossa Senhora do Livramento – MT, Brasil. *Biodiversidade*, 14(1):151-160.
- Ferreira FMC, Lourenço FJC, Baliza DP 2014. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais na comunidade quilombola Carreiros, Mercês – Minas Gerais. *Revista Verde*, 9(3):205-212.
- Flora do Brasil 2020 em construção. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. [acessado em Mar 2018]. Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/>.
- Franco EAP, Barros RFM 2006. Uso e diversidade de plantas medicinais no Quilombo Olho D'Água dos Pires, Esperantina, Piauí. *Revista Brasileira Pl. Med.*, 8(3):78-88.
- Friedman J, Yaniv Z, Dafni A, Palewitch DA 1986. A preliminary classification of the healing potential of medicinal plants, based on a rational analysis of an ethnopharmacological field survey among bedouins in the negev desert, Israel. *Journal of Ethnopharmacology*, (16):275-287.
- Gomes TB, Bandeira FPSF 2012. Uso e diversidade de plantas medicinais em uma comunidade quilombola no Raso da Catarina, Bahia. *Acta Bot. Bras.* 26(4):796-809.
- Guarim Neto G, Morais RG de 2003. Recursos medicinais de espécies do Cerrado de Mato Grosso: um estudo bibliográfico. *Acta Bot. Bras.* 17(4):561-584.
- IBGE 2017. Cidades. [acessado em Out 2018]. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/go/piracanjuba/panorama>.
- IUCN 2016. The IUCN Red List of Threatened Species. [acessado em Mar 2018]. Disponível em: <http://www.iucnredlist.org>.
- Krebs CJ 1989. *Ecological Methodology*. Harper and Row Publishers Inc., New York, 654 pp.
- Leite IB 1999. Quilombos e Quilombolas: Cidadania ou Folclorização. *Horizontes Antropológicos*, 5(10):123-149.
- Löbler L, Santos D, Rodrigues ES, Santos NRZ dos 2014. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais no bairro Três de Outubro da cidade de São Gabriel, RS, Brasil. *R. bras. Bioci.* 12(2):81-89.
- Maciel M, Guarim Neto G 2006. Um olhar sobre as benzedeadas de Juruena (Mato Grosso, Brasil) e as plantas usadas para benzer e curar. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, 2(3):61-77.
- Magurran AE 1988. *Ecological Diversity and its measurement*. Princeton, Newjersey, 79 pp.
- Massarotto NP 2008. *Diversidade e uso de plantas medicinais por comunidades Quilombolas Kalunga e urbanas, no nordeste do Estado de Goiás, Brasil*. Dissertação de Mestrado, Universidade Nacional de Brasília, DF,130 pp.

Medeiros MFT, Fonseca VS da, Andreato RHP 2004. Plantas medicinais e seus usos pelos sítiantes da Reserva Rio das Pedras, Mangaratiba, RJ, Brasil. *Acta Bot. Bras.*, 18(2):391-399.

Ministério da Saúde, CNS 2012. Resolução nº: 466. Aprova as normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília.

MMA (Ministério do Meio Ambiente) 2018. O Bioma Cerrado. [acessado em Mar 2018]. Disponível em: <https://www.mma.gov.br/biomas/cerrado>.

Mobot (Missouri Botanical Garden) 2018. [acessado em Abr 2018]. Disponível em: <https://www.tropicos.org/>.

Mota LLS, Rodrigues MM, Jones KM, Lacerda GA 2015. Abordagem etnobotânica continuada na Comunidade Remanescente Quilombola Palmeirinha, Pedras de Maria da Cruz – MG. *Revista Cerrados*, 13(1):156-172.

Oliveira FCS, Barros RFM.; Moita Neto JM 2010. Plantas medicinais utilizadas em comunidades rurais de Oeiras, Semiárido Piauiense. *Revista Brasileira de Plantas Mediciniais*, 13(3):282-292.

Oliveira EOS, Collier KFS, MOTA GMF da, Ely BP, Pereira FR 2011. Plantas medicinais usadas pela Comunidade Kalunga do Quilombo do Engenho de Dentro em Cavalcante – GO para tratamento de afecções bucais. *Revista Cereus*, 4.

Oliveira ER, Menini Neto L 2012. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais utilizadas pelos moradores do povoado de Manejo, Lima Duarte - MG. *Rev. bras. plantas med*, 14(2):311-320.

Oliveira LR 2015. Uso popular de plantas medicinais por mulheres da comunidade quilombola de Furadinho em Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. *Revista Verde*, 10(3):25-31.

Palmares Fundação Cultural 2016. *Comunidades remanescentes de quilombo*. [acessado em Ago 2018]. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/wp-content/uploads/2016/06/QUADRO-RESUMO.pdf>.

Pasa MC, David M de, Fiebig G de Á, Nardez TMB, Maziero EL 2015. A etnobotânica na comunidade quilombola em Nossa Senhora do Livramento, Mato Grosso, Brasil. *Biodiversidade*, 14(2):1-17.

Pasa MC, Soares JJ, Guarim Neto G 2005. Estudo etnobotânico na comunidade de Conceição-Açu (Alto da Bacia do Rio Aricá Açu, MT, Brasil). *Acta Bot. Bras.*, 19(2):195-207.

Pereira CO, Lima EO, Oliveira RAG, Toledo MS, Azevedo AKA, Guerra MF, Pereira RC 2005. Abordagem etnobotânica de plantas medicinais utilizadas em dermatologia na cidade de João Pessoa-Paraíba, Brasil. *Rev. bras. plantas med.*, 7(3):9-17.

Pereira MGS, Ferreira MC 2017. Uso e diversidade de plantas medicinais em uma comunidade quilombola na Amazônia Oriental, Abaetetuba, Pará. *Biota Amazônia*, 7(3):57-68.

Pielou EC 1966. The measurement of diversity in different types of biological collections. *Journal of Theoretical Biology*, 13:131-44.

Pilla MAC, Amorozo MCM, Furlan A 2006. Obtenção e uso das plantas medicinais no distrito de Martim Francisco, Município de Mogi-Mirim, SP, Brasil. *Acta Bot. Bras.*, 20(4):789-802.

Pinheiro CUB, Monteles R 2007. Plantas medicinais em um quilombo maranhense: uma perspectiva etnobotânica. *Revista de Biologia e Ciências da Terra*, 7(2):38-48.

Pinto EPP, Amorozo MCM, Furlan A 2006. Conhecimento popular sobre plantas medicinais em comunidades rurais de Mata Atlântica – Itacaré, BA, Brasil. *Acta Bot. Bras.*, 20(4):751-762.

SEGPLAN (Secretaria de Gestão e Planejamento do Estado de Goiás) 2012. Perfil e potencialidades dos municípios Goianos. [acessado em Out 2017]. Disponível em: http://www.imb.go.gov.br/down/perfil_e_potencialidades_dos_munic%C3%ADpios_goianos.pdf.

Silva CSP da, Proença CEB 2007. Flora medicinal nativa do bioma Cerrado catalogada por estudos etnobotânicos no estado de Goiás, Brasil. *Revista Anhangüera*, 8(1):67-88.

Silva NCB, Regis ACD, Almeida MZ 2012. Estudo Etnobotânico em comunidades remanescentes de Quilombo em Rio de Contas – Chapada Diamantina - BA. *Revista Fitos*, 7(2):99-109.

Souza CD, Felfili JM 2006. Uso de plantas medicinais na região de Alto Paraiso de Goiás, GO, Brasil. *Acta Bot. Bras.*, 20(1):135-142.

Toledo VM 2001. Biodiversity and indigenous peoples. In: Levin SA (Ed.). *Encyclopedia of Biodiversity*. Academic Press, San Diego, p. 330-340.

Tuler AC 2011. *Levantamento etnobotânico na comunidade rural de São José da Figueira, Durandé, MG, Brasil*. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Biológicas) Centro de Ciências Agrárias, Universidade Federal do Espírito Santo, 57 pp.

Vasquez SPF, Mendonça MS, Noda SN 2014. Etnobotânica de plantas medicinais em comunidades ribeirinhas do Município de Manacapuru, Amazonas, Brasil. *Acta Amazonica*, 44(4):457-472.

Medicinal Plants of Popular Use in the Quilombola Community of Piracanjuba - Ana Laura, Piracanjuba, GO

ABSTRACT

Quilombola communities preserve valuable knowledge about medicinal plants. Thus, this study aimed to survey the medicinal plants used by women from the Quilombola Community of Piracanjuba - Ana Laura, Piracanjuba, GO. Data collection consisted of semi-structured interviews. A total of 91 species distributed in 41 families were recorded, being Fabaceae and Lamiaceae the richest in species. The species mentioned were mainly used to treat respiratory problems, with the most used plant part being leaf and the main form of preparation tea. Most species are native and those with the largest number of informants were *Croton antisiphiliticus*, *Dysphania ambrosioides*, *Ricinus communis* and *Copaifera langsdorffii*. The

Brenda Oliveira Guimarães; Ana Paula de Oliveira; Isa Lucia de Morais

ones with the maximum agreement of use were *Stryphnodendron adstringens*, *Dysphania ambrosioides*, *Dilodendron bipinnatum*, *Croton antisiphiliticus*, *Punica granatum* and *Curcuma longa*. None of the native species mentioned was evaluated for threat status. Therefore, there is a lack of studies to evaluate how the populations of native medicinal species in Brazil are regarding the threat of extinction. Most of the native species of the present study are not exclusive to the Cerrado, being shared mainly with the Atlantic Forest, Caatinga and Amazon. The high diversity index suggests that the quilombola community has significant ethnobotanical knowledge when using a large number of species. However, deforestation of the Cerrado is threatening this traditional knowledge, since the place where the interviewees sought plants from this phytogeographic domain no longer exists.

Keywords: Traditional Knowledge in the Cerrado; Ethnobotany; Popular Medicine.

Submissão: 01/10/2018

Aceite: 08/08/2019